

OS QUATRO TEMPOS SÈTE, FRANCE - 2006

TEMPO DA AGUA - TEMPO DO FOGO - TEMPO DO AR - TEMPO DA TERRA

Quando fui convidada por Jonas e Nadia para o festival de Sète, eu já vinha fazendo algum tempo trabalhos com a terra e a água, e experiências também, com o fogo e o ar.

No primeiro momento pensei em trabalhar com a água do canal de Sète. Me preparei com materiais mais resistentes, para ficarem um longo período dentro da água salgada.

Já havia tido experiências com alguns trabalhos que deixei em rios, que desapareceram. Mais foi no Caminho de Santiago que tive a confirmação que deveria trabalhar com os quatro elementos em Sète.

Apesar de já ter trabalhado com os quatro elementos, o que eu estava mais familiarizada era com a terra. Já havia deixado um quadro por nove meses dentro de um rio, no Pirineus, que teve um resultado surpreendente. Houve quadros na Amazonia que deixei na terra, mais tendo uma inundação no local ficaram totalmente submersos por mais de oito meses. Os quimonos que tinha deixado nos rios, que foram experiências com um resultado não satisfatório, pois desapareceram, por varias razões. Deixei cinco quimonos num rio que passa na minha casa, um dia sai de manhã para fazer uma caminhada e quando voltei o trator que estava trabalhando no jardim tinha passado pelo terreno, fazendo movimentos de terra e lá se foram os quimonos. Nunca mais consegui recuperar.

O da Gave de Pau desisti de ir buscar, pois a minha experiência no Ardour onde havia um quimono negro, que levou muito menos tempo, só ficando as costuras do quimono. E de Puente la Reina, que foi o primeiro que coloquei dentro d'água esse então não deveria ter nem costuras.

TEMPO DA AGUA

Como falei acima, a experiência de água foi em rios, dessa vez seria com o mar Mediterrâneo, que sempre tinha ouvido falar que era uma piscina sem ondas. Já tinha uma tela bem resistente, pois tinha pensado em deixar no canal de Sète por um ano. Agora seria uma hora trabalhando em parceria com o mar.

Como sempre antes de percorrermos um caminho novo, tentamos planejar, fazer um projeto etc... usei uma técnica japonesa de tingir tecido, saquinhos de pano com pigmentos dentro, presos no tecido e colocado dentro da água, e a correnteza vai passando e tingindo o tecido. Em vez de saquinhos de tecido, coloquei folhas esqueletizadas duas a duas como se fossem uma bolsinha e costurei na tela, dentro iria o pigmento posto na hora.

Cheguei a beira mar, a mare estava muito cheia, tanto que tivemos que mudar de local. Tive que pular a mureta e descer os rochedos. Era uma pequena faixa de areia, protegida por dois blocos de pedras. As ondas eram fortes e imensas, comecei a colocar o pigmento dentro das folhas, mais era impossível o mar vinha e levava tudo, lavava a tela, os pigmentos as folhas, era impossível. Então travei um combate, eu estava totalmente concentrada no trabalho, era como nada em volta existisse, somente o mar a tela e eu.

Comecei a jogar os pigmentos diretamente na tela, mais o mar vinha e levava, deixando somente um leve vestígio de cor. Eu tinha pigmentos em barra, comecei a desenhar com eles, e o efeito foi surgindo, depois calcando nos rochedos comecei a usá-los como carimbo. A areia como pigmento, usando toda a minha energia, como se tudo fosse uma única coisa.

Eu vi a tela se transformando, e num determinado momento senti toda a sua energia e o momento de parar, ela tinha que descansar. Coloquei a tela mais acima, aonde o mar não batia tanto, e sentei ao seu lado admirando o mar como se meditando. Senti que éramos parceiros, eu, ela e o mar. Fiquei na contemplação quinze minutos, e quando deu seis horas fiz minhas orações.

O CAMINHO DA AGUA É O FOGO

As onze horas da manhã, ao contrário do dia anterior que foi no final da tarde, no cimo do Monte St. Clair ao lado da Capela de Nossa Senhora da La Salette, travei minha experiência com o fogo. Depois de falarmos com o padre, e ele abrir o portão do terreno que fica ao lado da capela, estendi a tela no chão, peguei as velas e comecei o trabalho.

Logo no início o fogo caiu e fez dois buracos na tela, eu senti que não era por aí. Comecei a me concentrar, como se só existissem o fogo e eu, numa concentração hipnótica, a comunhão foi chegando até se tornar tudo uma coisa só. A vela começou o seu caminho, deixando as suas marcas. Usei também uma pedra que havia no terreno e sua inclinação, para fazer as velas chorarem. Depois elas caíram sobre a tela formando dedos de fogo, e ali ficaram queimando por algum tempo. Eu orava enquanto trabalhava, era uma oração interna, o fogo se apresentava como uma dança que eu não podia desviar os olhos.

A imagem de Nossa Senhora da Salette eu conheço desde pequena. Aquela santa sentada e com as mãos cobrindo o rosto chorando, sempre me perguntava porque ela chorava. E minha mãe dizia, - essa é, Nossa Senhora da Salette, ela chora pelas pessoas tristes que vivem na terra.

Fiquei sabendo também que o monte de St. Clair foi um antigo vulcão.

A CHUVA TRAZ COISAS DO AR

O ar foi o terceiro elemento. Já havia deixado um quadro enrolado numa árvore nos Pirineus e outro encima da uma árvore na Amazonia.

Mais estava com uma enorme dificuldade de como trabalhar com o ar. Tinha uma tela de três metros por... já tingida pelo mar e trabalhada pelo fogo através das velas, achava que tudo ia sumir. Foi difícil tomar a decisão. Tomamos o átrio da igreja de St. Louis, que na cúpula tem como na capela de Nossa Senhora da La Salette uma Virgem. Essa é coroada e tem uma lua crescente nos pés. O visual não poderia ser mais bonito, o vento soprava bastante nesse dia, graças a Deus. E a tela voava como um tecido muito fino, esse trabalho também iria durar uma hora.

Percebi nesse momento que o trabalho do ar, era tirar o excesso, que havia no trabalho. Até eu compreender isso foi difícil, eu rezava, falava palavras soltas e emitia mantras, jogando o meu ar também na tela. Era a minha expiração o meu vento interior. Como se o meu excesso também saísse de dentro de mim. Me esvaziando e me purificando.

No final também compreendi que poderia bater a tela no chão e ela voaria, daria voltar, se enrolaria deixando o ar penetrar mais nela. Perdi o medo, de estragar a tela, e nisso resultou que só ficou o necessário.

A TERRA

O trabalho com a terra seria mais tranquilo, assim eu pensei. Tinha levado a picareta e a pá, era só cavar a terra e estender a tela e cobri-la novamente.. O local era o mesmo terreno ao lado da capela de Nossa Senhora de La Salette, aonde eu havia trabalhado com o fogo. Era domingo e todo o trabalho começaria depois da missa das nove e meia.

Amanheceu chovendo muito. A cidade de Sète estava em alerta laranja, com ventos muito fortes. O mar estava de ressaca. Quando chegamos ao alto do Monte de St. Clair a chuva caía torrencialmente.

Eram nove pessoas, Joe, Laurence, Paula, um casal, um pai que veio com o seu filho pequeno, com uma pá de plástico para ajudar, Jean Jack e eu. O padre também veio dar uma olhada. Era alucinante o vento e a chuva, mais senti que iria fazer bem a alma. Todos me ajudaram para que tudo fosse o mais rápido possível, o buraco tinha três metros e muita pedra para tirar, exatamente no momento em que estávamos cavando, a chuva deu uma melhorada.

Como sempre a terra é dura, as ferramentas são pesadas, e um trabalho que requer muita força.

Conseguimos cavar o buraco, plantar a tela e no exato momento que estávamos terminando a chuva voltou com toda força. Terminamos correto e nos abrigamos em- baixo de uma cobertura que havia no terreno, totalmente molhados. Eu estava encharcada e ia pegar a estrada de volta para St. Martin imediatamente.

Nos despedimos todos com muito amor, mais com muita presa também, a chuva não deixava que fosse diferente. Quando saímos de Sète e já estávamos na estrada puder reparar que o único lugar que chovia era Sète.

Antes de chegamos a St. Martin, vimos uma luz maravilhosa uma atmosfera diferente. E exatamente no portão de casa começou a cair pedras enormes de granizo, numa velocidade surpreendente, batia no carro com toda força, cheguei a sentir um pouco de medo. Quando parou, o jardim estava todo branco. Algumas telas de ardósia partidas pedaços de árvores, folhas e flores despedaçadas pelo jardim.